

FELICIDADE E TECNOLOGIA

Daniel Nascimento e Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

Todos nós estamos neste mundo com a determinação consciente ou inconsciente de ser feliz. Tudo o que fazemos ou deixamos de fazer tem como foco a busca do prazer ou a fuga da dor. Isso se aplica também às organizações tecnológicas: por mais que haja quem discorde, o que é natural, as tecnologias que criamos são instrumentos, artefatos humanos, que, ao resolver problemas, tendem a aumentar o seu bem-estar e, com isso, proporcionar, se não a felicidade plena, pelo menos momentos felizes fugazes. Este artigo tem como objetivo demonstrar de que forma tecnologia e felicidade estão associadas.

A felicidade é um estado de satisfação plena, em que sofrimento e inquietude, nesse intervalo de tempo parecem desaparecer. É que a intensidade da satisfação é tão intensa que nenhum outro sentimento é percebido. Vamos a um exemplo: imagine-se contrariado com seu chefe porque aquela sua falta do mês passado foi transformada em desconto no seu salário; de súbito, você recebe a notícia de que ganhou sozinho os 200 milhões da Mega Sena, seu sonho desde criança. O contentamento é tão grande que aquela contrariedade parece desaparecer.

A história da humanidade é a trajetória de uma evolução constante do nível de bem estar das diversas comunidades que compõem o contingente humano do planeta. Cada qual se encontra em diferente nível evolutivo de bem estar e de riquezas materiais e espirituais. Cada qual fazendo e refazendo suas histórias, mas todas, inexoravelmente, apesar de trilharem caminhos diferentes, parecem ter um destino comum: o alcance da felicidade plena. E o que permite essa evolução é exatamente a tecnologia.

Por pior que possa ser o seu bem estar, é imensamente superior ao de nossos ancestrais, que moravam nas cavernas, ou dos habitantes dos guetos da Idade Média. A qualidade de vida da maioria da população do planeta, hoje, é imensamente superior à de quase toda a história da humanidade, nos seus mais de 200 mil anos. Esse bem estar se acelerou a partir do momento em que o ser humano criou, conscientemente, sua primeira ferramenta, não importa qual seja. Para que a ferramenta pudesse existir, teve que ser criada, antes, a tecnologia.

Máquinas, equipamentos, ferramentas, instrumentos não são tecnologia e não podem com ela ser confundidos. Tecnologia é o princípio inteligente que permite e possibilita a existência desses artefatos. Um computador tem tecnologia, mas não é tecnologia, assim como um software existe devido à tecnologia. Não é possível dizer qual é a tecnologia que está embutida no computador e tampouco no software que o faz funcionar. É que a tecnologia é invisível e intangível. E só é percebida de forma indireta.

Nosso colega de pesquisa, Osvaldo Kato, da Embrapa criou um sistema de trituração de matas secundárias amazônicas que, além de evitar queimadas, aumenta a produtividade das áreas que usam a tecnologia. Essa invenção permitirá que os pequenos produtores rurais amazônicos possam retirar de suas plantações praticamente o dobro e às vezes o triplo de alimentos do que normalmente o fazem. No entanto, nem ele, que é autor principal da criação, nem eu e os outros cientistas que fazem parte da equipe somos capazes de dizer qual é propriamente o princípio inteligente, a tecnologia que foi inventada. Falamos sempre no conjunto (a máquina, a organização da área, o processo de trituração etc.): o Tipitamba.

O que importa é que seja compreendido que, no exemplo do Tipitamba, assim como no *tablet*, ultrassonografia e computação nas nuvens, cada vez que o conjunto é colocado à disposição de seus públicos-alvo, aumenta o nível de bem estar porque reduz os motivos ou causas de sofrimento e inquietude, redutores da felicidade. Isso quer dizer que, ainda que as necessidades humanas sejam ilimitadas, em termos gerais há evolução no grau de satisfação delas, ainda que isso não nos seja perceptível.

É por isso que toda organização tecnológica (e no futuro todas as organizações humanas) é uma fábrica de artefatos “felicilatórios”, com o perdão do neologismo. Quando um grupo de colegas cria uma vacina para alguns tipos de câncer, as pessoas beneficiadas têm reduzido o seu nível de sofrimento e inquietude, o que atinge o seu bem estar positivamente. Quando esse bem estar aumenta além do esperado e se prolonga, atinge o que tecnicamente se chama felicidade.

Dessa forma, quanto mais o trabalho, o labor humano, estiver voltado para a criação de tecnologias, maior será o impacto nos processos internos da organização, mas um impacto maior causará em si mesmo: um sentimento de realização intraduzível, um contentamento tão profundo que o indivíduo não terá dúvida de equiparar a felicidade. Quando esse

proceder é constante, a paz de espírito é alcançada, uma paz interior manifesta-se em forma de contentamento com o labor, com a vida.

A associação da felicidade com a tecnologia é assim: quanto mais a tecnologia faz parte de nossas vidas, menos dependente estaremos dos motivos que nos levaram a criá-la. E o que nos levou a criá-la foi a fuga da dor causada pelas doenças e carências fisiológicas, a dor da insegurança diante de animais ferozes e inimigos colossais, a dor gerada pelos flagelos naturais e inúmeras outras. Quanto mais nos familiarizamos com a tecnologia, mais nos aproximamos de nós mesmos pela conscientização de nossa infinita capacidade de criar, caráter divinamente humano.